

O regime militar - II

Abertura

Nos dez anos finais do regime militar, o Brasil foi governado pelos generais Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo. A volta dos civis ao poder se deu em 1985.

Como foi possível a “abertura” política? Que novos caminhos foram seguidos pela oposição? O que aconteceu com a economia brasileira? É o que você verá nesta aula.

O projeto de “abertura” e a oposição da “linha dura”

Movimento

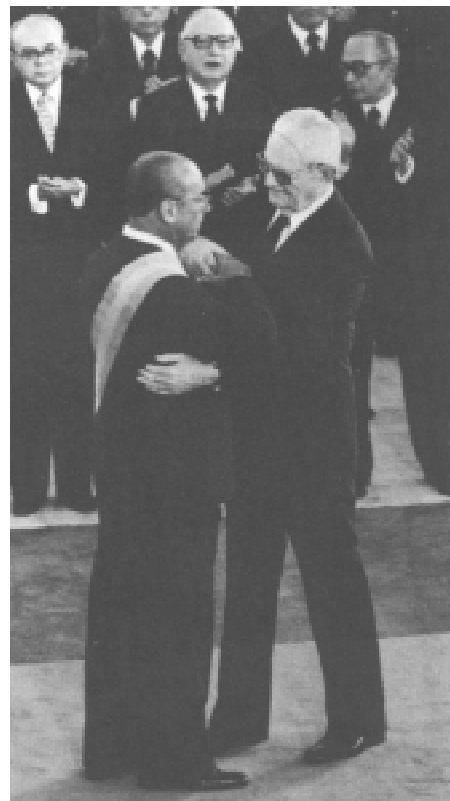
O quarto presidente do regime militar, general Ernesto Geisel, assumiu a presidência prometendo promover, na área política, uma distensão “lenta, gradual e segura”.

Vimos que todos os presidentes militares anteriores haviam assumido a presidência com a mesma promessa de normalizar politicamente o país. Durante o governo Geisel, no entanto, diferentemente de seus antecessores, esse discurso transformou-se em um projeto de liberalização política efetivo. Tal projeto ficou conhecido como “abertura”. Ele representou o início do fim do regime militar. Como foi possível essa mudança de rumo?

Para responder a essa pergunta, devemos em primeiro lugar perceber que Ernesto Geisel não pertencia à “linha dura” militar, preponderante nos governos de Costa e Silva e Médici. Vimos, na aula anterior, que Geisel participou do governo Castelo Branco, da mesma forma que seu principal assessor na presidência, o general Golbery do Couto e Silva.

Ambos apoiavam as posições mais moderadas de Castelo Branco, opondo-se às medidas mais radicais preconizadas pela “linha dura” militar. É por isso que a ascensão de Geisel e Golbery marcou o retorno ao poder dos remanescentes do **grupo castelista**, ou seja, do grupo alinhado a Castelo Branco.

Para levar adiante o projeto de “abertura”, tornava-se necessário vencer as resistências da “linha dura” militar, que continuava localizada principalmente nos órgãos de informação e repressão.



Posse de João Figueiredo na Presidência da República.

Vimos na aula anterior que esses órgãos foram ganhando grande poder e autonomia no interior do regime militar. Recuperar o controle efetivo sobre a área repressiva se tornou, dessa forma, a principal tarefa dos partidários da “abertura”.

O primeiro grande enfrentamento de Geisel com a “linha dura” ocorreu em outubro de 1975, após a morte do jornalista Vladimir Herzog em dependências do DOI-CODI do II Exército, em São Paulo. A morte de Herzog, ocorrida durante violenta sessão de tortura, foi divulgada como tendo sido “suicídio por enforcamento”. Já que Herzog era judeu, foi realizado um culto ecumênico, celebrado por d. Paulo Evaristo Arns, da Igreja Católica, pelo rabino Henry Sobel, da Igreja Israelita, e pelo pastor Jayme Wright, da Igreja Evangélica. Essa cerimônia reuniu uma multidão na praça da Sé, centro de São Paulo, e transformou-se em uma grande manifestação política.

Poucos meses depois, em janeiro de 1976, o operário Manuel Fiel Filho também foi morto nas dependências do DOI-CODI de São Paulo, nas mesmas condições. Mais uma vez, a versão oficial foi de “enforcamento”. Mas o presidente Geisel agiu com rapidez, exonerando o comandante do II Exército. Era um claro aviso à “linha dura” de que atos da mesma natureza não seriam mais tolerados.

Pausa

Esses episódios revelam a violência do poder sobre os cidadãos. Um regime democrático é aquele no qual os cidadãos têm direitos que devem ser respeitados.

Você conhece seus direitos como cidadão? Como empregado? Faça uma lista do que você conhece como direitos seus. Compare com a lista de um colega.

O enfrentamento decisivo de Geisel com a “linha dura” ocorreu em 1977. O ministro da Guerra, general Sílvio Frota, ficou conhecido por sua atuação no combate ao comunismo e à subversão. Em seus pronunciamentos e relatórios, esses temas sempre apareciam e, neles, Frota chegou mesmo a criticar a orientação do governo. Assim como ocorrera no governo Castelo Branco, os militares mais radicais passaram a se reunir em torno do ministro da Guerra. O general Frota se tornou provável candidato à sucessão, contra a vontade do próprio presidente Geisel.

Dessa vez, no entanto, a história não se repetiria. Geisel demitiu Frota no dia 12 de outubro de 1977, alegando que as diferenças de opinião entre os dois quanto à orientação política do governo haviam chegado ao limite. Apesar de alguns militares mais radicais terem se disposto a contestar a demissão de Frota, a maioria do Alto Comando do Exército acabou ficando ao lado do presidente Geisel. Com isso, na área militar, o caminho para a “abertura” ficou livre.

Os novos caminhos da oposição

Mas em diversas ocasiões a liberalização política do governo Geisel usou os instrumentos autoritários, como a censura e o AI-5. O governo procurava deixar claro que pretendia manter o controle sobre o processo de “abertura”.

Em abril de 1977, por exemplo, após o Congresso ter se recusado a aprovar um projeto de reforma do Poder Judiciário elaborado pelo governo, Geisel fechou o Congresso por duas semanas e, nesse período, baixou uma série de medidas que ficaram conhecidas como **Pacote de Abril**.

Tais medidas destinavam-se principalmente a garantir a maioria do partido do governo, a Arena, sobre o partido de oposição, o MDB, que vinha apresentando considerável crescimento eleitoral.

Durante o governo Geisel, a oposição teve grande crescimento e passou a utilizar novos métodos de luta e resistência. Ao final do governo, sua principal bandeira era a luta pela anistia.

Ao mesmo tempo, ressurgia o movimento operário, com uma grande greve dos metalúrgicos do ABC paulista em maio de 1978. Essa greve, que projetou nacionalmente o líder sindical Luís Inácio Lula da Silva, marcou o nascimento do **novo sindicalismo**, surgido a partir das bases operárias e desvinculado dos sindicatos oficiais ligados ao Estado.

A crise econômica

Quando Geisel assumiu a presidência, os anos do “milagre econômico” haviam ficado para trás e o país começava a viver um longo período de crise econômica. O mundo inteiro sofrera, em finais de 1973, o impacto do aumento do preço do petróleo, determinado pelos países produtores. Essa crise do petróleo também atingiu profundamente o Brasil, que importava mais de 80% do petróleo que consumia.

Apesar disso, o governo procurou evitar a recessão apostando no crescimento. O plano econômico elaborado pelo governo Geisel dava grande destaque ao papel do Estado como promotor do desenvolvimento. Em seu governo, empresas estatais como a Petrobrás, a Eletrobrás e a Embratel registraram grande crescimento. Isso gerou oposição de círculos empresariais privados, que criticavam o intervencionismo do Estado na política econômica e pediam a “desestatização” da economia.



Exilados políticos começam a voltar para o Brasil, principalmente a partir de 1975.

Os resultados da política econômica do governo Geisel são controversos, inclusive entre os economistas. O que se pode perceber com clareza é que fracassaram alguns projetos de grande porte, como a Ferrovia do Aço e o Programa Nuclear.

Em outras áreas, como nas indústrias de aço, alumínio e na produção de petróleo, o crescimento foi significativo. A economia manteve um índice de crescimento razoável, embora a inflação tenha se elevado e a dívida externa tenha crescido muito.

O último governo militar

Ernesto Geisel foi o único presidente do regime militar que conseguiu eleger o sucessor de sua preferência. O general João Figueiredo, chefe do SNI durante o governo Geisel, era um auxiliar afinado com o projeto de “abertura”.

Seu governo já se iniciou sem o AI-5. O bipartidarismo foi extinto. Surgiram novos partidos. Outra medida de grande importância foi a aprovação de um projeto de anistia política para os condenados por atos praticados contra o regime. Os responsáveis pela repressão aos presos políticos também foram perdoados, anistiados por essa medida.

No entanto, o governo Figueiredo teve seu início marcado por diversos atos terroristas de direita. Eram principalmente atentados a bomba contra pessoas e organizações ligadas à defesa da democracia e contra bancas de jornal que vendiam publicações de esquerda.

A escalada terrorista culminou no chamado **caso Riocentro**. Em 30 de abril de 1981, durante a realização de um festival de música no centro de convenções do Riocentro, no Rio de Janeiro, uma bomba explodiu acidentalmente em um carro ocupado por dois militares, matando um e ferindo gravemente o outro. A versão oficial distorceu os fatos, procurando caracterizar os dois militares como vítimas de um atentado, e não como terroristas.

Em tempo

Veja você como são frágeis as convicções democráticas e como é difícil o caminho para a democracia! O presidente Figueiredo, ao assumir o governo, fez um pronunciamento a favor da abertura política dizendo que “prendia e arrebatava” os que fossem contra a democracia. O episódio terrorista do Riocentro era a chance de ele cumprir sua ameaça.

Apesar desses eventos, a normalização política continuou, com a realização de eleições diretas para governador em 1982. A oposição venceu em diversos Estados. O crescimento da oposição culminou, em 1984, na campanha pelas “Diretas Já”. Milhões de brasileiros foram às ruas, em grandes manifestações, pedir que a eleição do próximo presidente da República fosse direta – e não, como até então ocorrera durante o regime militar, indireta, feita por um colégio eleitoral. Apesar da enorme mobilização popular, a proposta foi derrotada no Congresso.

O governo não conseguiu, no entanto, que seu candidato, Paulo Maluf, vencesse as eleições. Dissidentes do PDS, o novo partido do governo, formaram a **Frente Liberal**. Esta se uniu ao PMDB, o maior partido de oposição, criando a **Frente Democrática**. Seu candidato, o ex-governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, foi o vitorioso. Chegava ao fim o regime militar.



Manifestação em apoio às eleições diretas para presidente, em 1984.

As duas últimas aulas trataram dos governos militares. Vimos de que forma a sociedade foi perdendo sua liberdade de manifestação política. Mas a sociedade persistia. Dava mostras de sua vitalidade na cultura, nas artes, na música. As próximas duas aulas levarão você a uma viagem pela cultura dos anos 60 e 70. Venha...

Últimas palavras

Exercício 1

Explique como o presidente Geisel desenvolveu a chamada “abertura política”.

Exercícios

Exercício 2

Caracterize o governo do presidente Figueiredo.

